

O ESPELHO EM "JOGO DA CABRA CEGA": UMA PERSPECTIVA PSICANALISTA SIMBÓLICA. *

Amini Boainain Haury **

O homem não pode permanecer muito tempo em estado consciente; sempre lhe é necessário descer ao seu inconsciente, pois é ali que ele tem suas raízes. Goethe.

Introdução

Sabe-se que toda obra de arte permite uma infinidade de leituras possíveis, a partir de seus dados exteriores; e tanto mais rica será ela quanto mais perspectivas de análise oferecer. Assim é o *Jogo da cabra cega* de José Régio¹, [romance] publicado primeiramente em Portugal, quando a geração da Presença começava a impor o seu ideário esteticista, espiritualizante e culturalista.

Considerando a sua complexidade intrínseca e extrínseca, a riqueza de coordenadas sociológicas e psicológicas, em cujo ponto de encontro o homem se debate, marcado por esse dualismo do horizontal e do vertical, essa obra pode ser interpretada num enfoque psicanalítico, como uma simbólica e literária "psicanálise" de um ser, obsessivamente voltado para a busca do "Eu" autêntico.

Elemento de destaque da geração presencista. — a geração portuguesa preocupada com a desmistificação das aparências do real-concreto, para redescobrir o oculto, José Régio em *Jogo da cabra cega*.

* Fragmento do trabalho elaborado sob a orientação da Prof.^a Nelly Novaes Coelho durante o curso O Presencismo, área complementar aos cursos de Mestrado em Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo tendo recebido conceito A (excelente).

** Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo com a tese: Mestre Nicolas a mau Cuydar de Afonso de Coton (18/04/75), Amini Boainain Haury leciona Língua Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto e na Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo.

1 RÉGIO, José, *Jogo da cabra cega*. 3. ed. Lisboa, Brasília Ed., 1971. 435 p.

procura apreender o homem nas malhas do mundo interior e, sob forte influência freudiana, desenvolve esse apreender através de um processo que se pode chamar de psicanálise de um "eu" simbolicamente projetado nos "outros".

O **Jogo da cabra cega** além disso, foi escrito em uma época de extraordinária euforia com as recentes descobertas da Psicanálise. E tão marcante deve ter sido a influência de psicólogos seus contemporâneos, principalmente Freud, na formação intelectual de José Régio, que passagens de seu romance projetam situações, nomes, conceitos, enfim, vários princípios das teorias psicanalíticas da época, na visão estilizada da realização artística.

Confronte-se, por exemplo, o **Jogo da cabra cega** (que é em síntese, o conflito dialético do "eu" e do "inconsciente") com a obra de Freud, no que se refere ao narcisismo, à agressividade, aos sonhos, ao inconsciente, à repressão, à introjeção, à mania de perseguição, e tantos outros princípios psicanalíticos fundamentais, literariamente explorados por José Régio.

Quanto à influência de Jung, mesmo considerando ser ele desconhecido em Portugal naquela época, o que é muito provável, dada a dificuldade de tradução do alemão, podemos dizer que a sua presença se faz sentir nessa obra. E isso significa que as vivências de um determinado momento, a sensibilidade de uma geração, evidentemente transparecem em todas as expressões de cultura. Assim, se a Psicanálise faz a teorização dessas vivências, a Literatura as expressa artisticamente.

Associando-se às imagens criadas pela introversão, percebemos nessa obra, as imagens arcaicas (anima, o Sombra, o herói interno, o "deus psicológico" do inconsciente coletivo) e a **mandala** de Jung.

Para exemplificação citamos apenas algumas passagens que nos levam a Jung, uma vez que esta obra oferece vasto material para um minucioso estudo dessa perspectiva:

Página 118 — "Tendo o segredo de rodopiar como um pião, dentro do mesmo círculo, tinha ainda o de me arrastar com ele".

Página 374 — "Só mais tarde, quando da observação apaixonada, partidária do meu círculo ou do meu caso ascendesse à contemplação da própria natureza humana" (confronte-se com a mandala = símbolo "mêsmico" — Selbest de Jung).

Página 322 — ... "haverá, ou não, em todos os homens, esse fundo sinistro?

Página 368 — ... "ia descobrindo, em mim e nos outros aquele monstro que sendo afinal, a bestialidade do homem, existe em todos os homens".

Página 358 — ... "se a luta me feria tanto, era porque a instintos e sentimentos meus se opunham outros também meus; ou tornados meus pelos séculos e séculos que me tinham modelado... Quer tudo isto dizer que em tudo era eu sollicitado por tendências opostas".

Página 344 — ... “eu compreendia que o meu demônio vencera”...

Página 256 — “Mas, às vezes, um Anjo se erguia a meu lado afugentando os meus demônios (eu agarrava-me agora — o termo é brutal, mas verdadeiro — eu agarrava-me agora ao mito do meu Anjo...)”.

Página 192 — .. “como explicar-lhe que o meu riso se desencadeia em mim tão superior à minha pobre vontade, tão inacessível à minha razão?”

Coincidência, ou não, a “Dora” do caso narrado por Freud e a “Dora” de Pedro Serra têm a mesma “conotação psicológica”.

“Quando, no dia seguinte, comecei a procurar um nome para uma pessoa que não devia conservar o que lhe era próprio, só um me ocorreu: Dora².”

A Dora de Pedro Serra é também, considerando o “contexto psicológico” que é o campo desse trabalho, um produto da introversão, instrumento que realiza a libido reprimida.

Poder-se-ia afirmar, em síntese, que nessa obra de oposição de dois mundos: o do “eu” e do “inconsciente”, do “convencional” e do “anti-convencional”, a influência de Freud se faz sentir principalmente no “conflito” e a de Jung, suposta, pressentida, na libertação pelo encontro com o “deus psicológico”.

Página 377 — “Assim, através do conhecimento de mim, se me revelava a humanidade. E assim me revelou Deus!”

Método de exploração do psiquismo humano e, principalmente, uma terapêutica para certas neuroses, a psicanálise sem dúvida acabou por invadir todos os domínios da atividade e da cultura humana e sobretudo a arte.

É pois inegável que as várias tendências e características de uma determinada época inter-relacionam-se e, de uma forma ou de outra, alteradas ou dissimuladas, enriquecidas ou deformadas, projetam-se na criação da obra de arte.

Assim, estudando o espelho nesse romance, numa perspectiva psicanalítica simbólica, como um dos recursos liberadores do inconsciente no processo de recomposição do “eu” fragmentado, procuramos mostrar, inicialmente a “conotação psicológica” do espelho na obra de Freud, Jung, Jacques Lacan e Melanie Klein. Em seguida procuramos estudar o simbolismo do espelho no *Jogo da Cabra Cega*.

Se nos decidimos pela perspectiva da Psicanálise para a interpretação desse romance, fugindo assim às exigências da crítica puramente literária, foi pelo fato de termos sentido sua extraordinária projeção e indiscutível influência na obra estudada. Se na realidade aparente da estrutura narrativa projetamos uma realidade psíquica, de estrutura profunda, tivemos em mente mostrar como princípios psicanalíticos podem, revestidos da sensibilidade e da criatividade do

² FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Delta, 1959, v. 4, p. 570.

autor, transparecer na criação artística pois, evidentemente, como afirma Casais Monteiro: "a verdadeira objetividade, em todos os planos da cultura humana nos permitirá algum dia reconhecer que a ciência e as "humanidades" não são universos irremediavelmente opostos".³

O ESPELHO segundo a interpretação de Freud, Jung, Lacan e Melanie Klein

No **Jogo da cabra cega**, um dos recursos liberadores do inconsciente, bloqueado pela coerção moral do Sistema social, é o **espelho**, elemento estrutural de importância básica para a compreensão dos conflitos estabelecidos na obra.

Em várias teorias psicanalíticas o elemento **espelho** é também interpretado como passível de exercer uma função liberadora.

Como se sabe, a psicanálise, como método de interpretação, procura estabelecer as relações de causa e efeito. Segundo Freud, "a diferenciação do psíquico em consciente e inconsciente é a premissa fundamental da psicanálise". Seu conceito de inconsciente tem, como ponto de partida, a teoria da repressão. O reprimido é o protótipo do inconsciente⁴.

Para descobrir essas atitudes profundas de reação que se ocultam sob aparente caráter que o indivíduo constrói, a psicanálise freudiana usa determinados recursos técnicos como: estudo dos gestos, expressões, sonhos, letra, etc.

A duplicação realizada pelo espelho corresponde na obra de Freud à projeção, ao narcisismo, ao sonho, à introversão. Daí que esses três elementos se inter-relacionem constantemente.

Documentando essa interpretação temos:

"Um **sonho** é, portanto, uma projeção para o exterior de um processo anterior"⁵.

"Por esta razão se esforça tanto em projetar para o exterior aquilo que em seu interior lhe é motivo de desprazer"⁶ [(vol. V-487)].

"A **transformação no contrário** decompõe-se, quando a submetemos a um detido exame, em dois processos diferentes: a transição de um instinto de atividade à passividade, e a transformação de conteúdo. Por exemplo, os pares antitéticos "sadismo-masiquismo" e "prazer visual-exibição". A transformação no contrário atinge somente os fins do instinto. O fim ativo — atormentar, ver — é substituído pelo

3 CASAIS MONTEIRO, A. **A palavra essencial**. São Paulo, Ed. Nacional, 1965. p. 56.

4 FREUD, v. 6, p. 171.

5 Ibid., v. 5, p. 479.

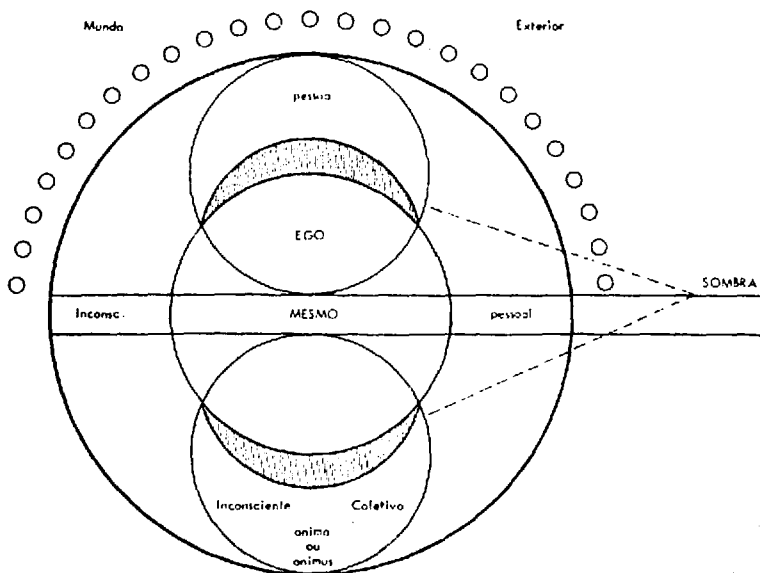
6 Ibid., v. 5, p. 487.

passivo — ser atormentado, ser visto. (...) A exibição contém em si a contemplação do próprio corpo”⁷.

“A regra técnica fundamental — iniciamos o tratamento convidando o paciente a se colocar na situação de um auto-observador atento e desapassionado, limitando-se a ler a superfície de sua consciência e obrigando-o, em primeiro lugar, a uma absoluta sinceridade”⁸.

“Tudo o que pode tornar-se objeto de nossa percepção interior é virtual, como a imagem produzida pela penetração dos raios luminosos nas lentes dos óculos. Os sistemas que em si não são nada de psíquico e nunca são acessíveis à nossa percepção psíquica, podem ser comparados às lentes dos óculos, as quais projetam a imagem.

A síntese gráfica feita por Jacobi ilustra a posição que, nos diversos planos da individualidade, adquirem seus principais elementos de acordo com a doutrina de Yung.



Esquema dos setores e núcleos energéticos integrantes do Ser Humano. (Mira Y Lopes, Em. Os fundamentos da psicanálise, Rio de Janeiro, Científica, s. d. p. 190).

⁷ FREUD, v. 5, p. 410.

⁸ Ibid., v. 8, p. 397.

Prosseguindo nessa comparação, a censura situada entre os dois sistemas corresponderia à refração dos raios ao passarem para um novo meio"⁹.

Em *Os fundamentos da Psicanálise*, Mira Y Lopes, referindo-se ao mandala de Jung afirma que "o simbolismo mandálico parece uma espécie de núcleo atômico. Podemos, pois, considerá-lo como a **imagem especular**, real, isto é, efetiva, de uma atitude de consciência que não pode formular nem seu objetivo nem seu propósito, a cuja atividade, em virtude de tal renúncia, se acha completamente projetada no centro virtual do mandala"¹⁰.

Jacques Lacan, também discípulo de Freud, participando do XVI Congresso Internacional de Psicanálise (1936) apresenta a Comunicação, *O estágio do espelho*. Em 1948, *O estágio do espelho como formador da função do "eu"*.

O estudo desta problemática apresenta alguns temas fundamentais: o papel do espelho na constituição do sujeito e a significação do próprio corpo.

"Il y suffit de comprendre le stade du miroir comme une **identification**, au sens plein que l'analyse donne à ce terme: à savoir la transformation produite chez le sujet, quand il assume une image — dont la prédestination à cet effet de phrase est suffisamment indiqué par l'usage, dans la théorie, du terme antique d'**image**"¹¹.

"**Le stade du miroir** donne la règle de partage entre l'imaginaire et symbolique à ce moment de capture par une inertie historique dont tout ce qui s'autorise d'être psychologie porte la charge, fût-ce par des voies à prétendre s'en dégager"¹².

Os problemas debatidos por Lacan em torno do estágio do espelho são estranhos às investigações freudianas, entretanto, é possível encontrar certa articulação de seus conceitos com a obra de Freud, se consideramos os ensaios "Psicologia das Massas e Análise do Eu" ou "Introdução ao Narcisismo", nas quais Freud submete o "eu" a uma dupla referência.

Melanie Klein também cita em seus trabalhos o **espelho**, especialmente no que diz respeito à relação da fantasia do corpo fragmentado com a fase paranóica e com as fantasias que a caracterizam.

Encontramos ainda, freqüentemente, o **espelho** no vocabulário específico da psiquiatria. Por exemplo, no folheto n.º 7: *Esquizofrenia*,

9 FREUD, v. 3, p. 388.

10 MIRA Y LOPEZ, E. *Os fundamentos da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Científica, s.d.

11 LACAN, J. *Écrits*, p. 94. Apud PALMIER, Jean Michel. *Jacques Lacan*, lo simbólico y lo imaginário. Buenos Aires, Proteo, 1971 p. 21.

12 Ibid., p. 69 apud op. cit. p. 41.

da série "Elementos de Psiquiatria para o Clínico Geral", publicações da "Roche", no capítulo de "Experiências de Despersonalização":

"esse sinal clássico do espelho"... 13

E, mais adiante, referindo-se aos distúrbios do caráter e da afetividade:

"A regressão manifesta-se ainda em comportamento bulímico, tóxico-maníaco, de tentativas narcisísticas **diante do espelho**" 14

O simbolismo do espelho na literatura

Na literatura de todos os povos, em diferentes épocas, o simbolismo do espelho tem sido bastante explorado.

Em sua obra — **Psicologia e Literatura** 15 — Dante Moreira Leite estuda o **espelho** em duas obras de épocas diferentes: uma que encontrou expressão na teoria freudiana da personalidade e outra, na teoria jungiana.

O Espelho (Esboço de uma Nova Teoria da Alma Humana) de Machado de Assis, também apresenta o homem diante do espelho: "Cada criatura humana traz duas almas consigo; uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro"... 16 O Espelho de Machado de Assis sugere que a individualidade coincide com o que se poderia denominar o "eu social", e abaixo do qual a personagem nada consegue encontrar. Se lhe faltam os outros — nos quais se vê — também não poderá identificar-se, e esse processo de auto-identificação só ocorre quando, diante do espelho, adquire a sua fisionomia socialmente aceita, pois esta é, na realidade, a única que possui.

De outro lado a teoria de Machado de Assis contém outro elemento importante, correspondente à idéia de desmascaramento das aparências da pessoa. Essa tendência supõe uma oposição fundamental entre os impulsos individuais e as exigências da sociedade a que a pessoa se submete. Essa tendência foi a que, — dentro, evidentemente, de outras premissas teóricas, — encontrou expressão na teoria freudiana da personalidade.

Em O Espelho, de Guimarães Rosa, a personagem conta suas experiências diante do espelho; depois de mostrar que este nem sempre reflete a mesma imagem, lembra o medo que o espelho sempre inspirou aos primitivos; — "não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma?" Há aqui uma concepção psicológica que, sob al-

13 ESQUIZOFRENIA. In: ELEMENTOS de psiquiatria para o clínico geral, s.l., Roche, s.d. n. 7.

14 Ibid.

15 LEITE, Dante Moreira. **Psicologia e literatura**, 2. ed. São Paulo, Ed. Nacional/Ed. da USP, 1967. 256 p.

16 MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O espelho. In: ———, **Papéis avulsos**. Rio de Janeiro, W.N. Jackson, 1938, p. 259-78.

guns aspectos, pelo menos, se aproxima da teoria jungiana da personalidade". 17

O espelho em o Jogo da cabra cega

O espelho é um elemento estrutural importante para a compreensão do romance de José Régio, — romance que reflete a oposição de dois mundos: o do "eu" e o do "inconsciente", o drama de um ser obsessivamente atormentado pela ânsia da unidade psicológica perdida: suas fantasias, seus conflitos e sua recuperação. O espelho torna-se o fator ou o índice visível do desdobramento do "eu" em suas múltiplas "realidades psíquicas".

Vejam-se alguns exemplos desse desdobramento, principalmente na expressão do conflito íntimo da personagem central, Pedro Serra, e no conflituoso relacionamento entre os amigos que compunham o grupo: Luís Afonso, José Baía, Celestino, o Sombra e o elemento desagregador do Grupo, — Jaime Franco. Nos momentos em que o "eu" parecia desdobrar-se em "outros"... fatalmente temos a presença reduplicadora do espelho.

"Abandonava-me [Pedro Serra] além disso a um jogo muito meu predileto: Começara de experimentar no espelho a minha mobilidade fisionômica, e ia etiquetando as minhas máscaras conforme os sentimentos, paixões ou instintos sugeridos. Fazia isto quase a frio, bastante lisonjeado ora pela perfeição, ora pela naturalidade, ora pela originalidade do meu trabalho" 18.

O espelho aparece ainda como instrumento de liberação como que hipnótica. Veja-se a cena do "Café do Preto", quando o espelho, refletindo as luzes ora ofuscantes, ora difusas, exerce em Pedro Serra, já estimulado pela ânsia de libertação, uma função hipnótica, desencadeadora do inconsciente e libertadora do "eu". (A hipnose foi o método usado inicialmente por Freud que depois o substituiu pela auto-observação).

"Se o excesso de auto-análise é ainda doença, eu [Pedro Serra] apresentava mais esse sintoma doentio 19 [...] eu era espectador crítico de mim próprio. [...] ainda não perdera consciência do meu estado de perversão nervosa 20.

"Todo desejo é em mim fugaz se o não alimenta a fome dos meus monstros interiores; se o não recoze o fogo da imaginação livre e louco" 21.

17 GUIMARAES ROSA, João. O espelho. In: ————. Primeiras histórias. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1968. p. 70-78.

18 RÉGIO, Jogo..., p. 157.

19 Ibid., p. 380.

20 Ibid., p. 87.

21 Ibid., p. 181.

Na interpretação de A. Austregésilo, "o sono hipnótico manifesta-se pelo máximo de sugestibilidade. É pela intenção, ordem, auto-sugestão ou pelo próprio desejo do indivíduo, que se consegue adormecer. A fixação de objetos luminosos, objetos fixos, são artifícios que aumentam ou canalizam a sugestibilidade que se manifesta como finalidade no sono" ²².

Neste sentido, certificamo-nos de que em Pedro Serra havia uma instintiva predisposição para a liberação do "eu".

"Eu experimentava uma necessidade impaciente e desenganada de me descartar de mim próprio. [...] A sugestão foi tão forte... [...] Mas, estes jogos de imaginação a que me dou freqüentemente... [...] Aquela espelho barato, aquela novidade sensacional (Mlle. Dora) e aquela fotografia lúbrica exasperavam-me... Em tudo aquilo havia como que um eco do que na minha vulgaríssima vida mais me desgosta. E quem perdoa reencontrar fora de si o que já em si detesta?" ²³.

Com relação a esses processos de fuga do "eu", pela fantasia, Freud diz que "a fantasia é tolerada durante um longo período até que, repentinamente, e na maioria das vezes, em conseqüência de uma intensificação de sua carga afetiva, surge o conflito entre a fantasia e o Eu, com todas as conseqüências" ²⁴.

Em *Jogo da cabra cega*, temos esse momento quando surge a necessidade do "jogo da verdade" entre os elementos do Grupo, e principalmente em Pedro Serra, que expressa bem a consciência dessa necessidade quando diz: "Pude, então, refletir sobre os vários acidentes ou lases da minha vida, procurando coordená-los como quem procura arrumar um casarão devastado". ²⁵

A esse respeito, diz Freud: "Devemos convir em que todos os atos e manifestações que percebemos em nós mesmos (sem que saibamos introsá-los com o resto de nossa vida ativa) devem ser considerados como se pertencessem a outra pessoa e devem ser explicados por uma vida anímica a ela atribuída. Devemos ter em conta, que conforme nos revela a investigação psicanalítica, uma parte de tais processos latentes possui caracteres e particularidades que nos parecem estranhos, incríveis e totalmente opostos às qualidades da consciência por nós conhecidas. Tudo isto leva-nos a modificar a conclusão do processo dedutivo que aplicamos à nossa própria pessoa, no sentido de já não admitir em nós a existência de uma segunda consciência, mas a de atos carentes de consciência" ²⁶.

²² AUSTREGESILLO, A. *As forças curativas do espírito*. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1920. p. 76.

²³ RÉGIO, *O jogo...*, p. 12-22

²⁴ FREUD, v. 6, p. 16.

²⁵ RÉGIO, *Jogo...*, p. 380.

²⁶ FREUD, v. 5, p. 444.

Como vemos, além de sua carga hipnótica, o espelho em *Jogo da cabra cega*, permite também o desdobramento do "eu", na libertação do inconsciente reprimido, projetando-se no "Grupo". Na verdade, o Mundo é um grande espelho que devolve a cada um de nós a sua própria imagem. Assim é que, numa perspectiva psicanalítica simbólica, concluímos que para além da realidade social da estrutura narrativa, o "Grupo" pode também ser interpretado como projeção de uma realidade psíquica inconsciente (= o id) com a qual o Ego entrará em conflito. No evoluir do conflito entre Pedro Serra e os demais, percebemos que os "outros" são aquilo que ele encontra como imagem de si próprio.

"Essa imagem é que me copia", diz Pedro Serra 27.

"Para que um homem compreenda tudo, necessário é que seja tudo" 28.

Portanto, na efabulação narrativa, a função desse "Grupo" (= id) é operar a descarga das excitações (energia ou tensão) desencadeadas em Pedro Serra (= ser atormentado por estimulação interna e externa). Da mesma forma, cada componente do "Grupo" é uma "máscara diante do espelho", que libera e realiza o reprimido. Comprovam-nos isso a necessidade de "sonhar mistérios", o "jogo fisionômico" e a imaginação desenfreada que caracterizam o personagem-narrador.

"E torci-me numa espécie de gargalhada muda, convulsiva, que não era senão a minha necessidade de **libertar qualquer coisa que não cabia em mim**" 29.

"...e jogado no tumulto do meu ser que se partia, repartia, emaranhava, multiplicava, desfazia e tentava refazer" 30.

"Escolheste bem o teu lugar. Bem e mal: porque os **espelhos** têm sobre ti a **sedução diabólica da ribeira de Narciso**. Acabarás um dia precipitando-te de cabeça no cristal... E será, sem dúvida, um suicídio digno das tuas máscaras". 31

Celestino, José Baía, Luís Afonso e... o Sombra são, sem dúvida, as personagens que no plano subjetivo representam projeções das tendências reprimidas no inconsciente, aspectos do Eu dividido. Jaime Franco é o "caudilho", a soma das fantasias inconscientes personificadas, projeção e realização integral de todas as perspectivas multifacetadas do Eu, através do espelho. Jaime Franco é a confissão das tendências opostas que coexistem em todos os homens. "É a provo-

27 REGIO, *Jogo...*, p. 105.

28 *Ibid.*, p. 67.

29 *Ibid.*, p. 199.

30 *Ibid.*, p. 155.

31 *Ibid.*, p. 49.

32 IN *MEMORIAM* de José Régio. Porto, Brasília Ed., 1970 p. 518.

cadora exibição da totalidade das grandezas e das misérias de que um homem é feito e que na sua alma se ocultam e se degladiam" 32.

"Um **monstro** se revelara em mim plenamente — um desconhecido de quem, até hoje, só recebera vagos avisos. Maldito seja ele! bradei, pensando em Jaime Franco" 33.

"Tenho medo de ser só, porque tenho medo de ser doido!" 34.

Confrontando as características e as atitudes dos componentes do Grupo, concluir-se-á que, embora diferentes entre si, no conjunto todas revelam a projeção do inconsciente reprimido.

Na sondagem do Eu, o espelho é ainda o elemento poético de natureza visual que caracteriza o dualismo entre "mundos" que se observam e se agredem pelas antíteses, que se interrogam numa dialética de busca da unidade psicológica do ser humano (forjado pelos instintos) e o do homem social (bloqueado pelo convencionalismo das relações). "Não é ele condicionado no mínimo dos seus movimentos?" pergunta Pedro Serra 35.

É também significativo o fato de o elemento **espelho** aparecer com bastante freqüência até o capítulo XVII (pouco mais da metade do livro), citado exatamente vinte e quatro vezes, e desaparecer por completo da narrativa até o final da obra. Corresponde essa peculiaridade a uma mudança na eclosão dos conflitos. É que o "dualismo das faces" (cf. cap. XVII — *Jogo da Cabra Cega*) cede o palco ao "dualismo das idéias" (Cap. XVIII — *Discours de la méthode*). A desintegração do "eu" esquarterado pelos delírios da "imaginação louca" fora feita até então (cap. XVII) por estimulação interna (ânsia de autenticidade) e por estimulação externa: o espelho.

Diz José Régio, em artigo publicado no número inaugural da revista **Presença**: "Em arte é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima duma personalidade artística" 36. As "máscaras" em *Jogo da cabra cega* foram vividas sensorialmente. A partir do cap. XVIII ("*Discours de la Méthode*") a sua vivência torna-se "intelectiva" e a reintegração das múltiplas faces (= o Grupo) na unidade psíquica do Eu (= Pedro Serra) passa a ser feita no campo da dialética.

A libertação, afinal, torna-se aparente mas não muito convincente, o que talvez tenha levado o autor a concluir o romance com a frase:

32 RÉGIO. *Jogo*.... p. 167.

34 *Ibid.*, p. 98.

35 *Ibid.*, p. 202.

36 SIMÕES, João Gaspar. *História do Movimento da «Presença»*. Coimbra, Atlântida, 1968. p. 79.

"Em que provisoriamente se dá por terminado este livro". (Note-se que Jaime Franco reaparecerá como personagem em *Vidas são Vidas*).

No nível da linguagem, o índice do dualismo, que alimenta a mensagem do romance, é o uso abusivo das adversativas e das alternativas. Feito um levantamento estatístico das conjunções coordenativas nas 430 páginas do romance, verificou-se que (excetuando-se as aditivas, cujo emprego é inevitável na narrativa), resulta que entre as 1.614 conjunções coordenativas usadas, 894 são adversativas e 624, alternativas, o que vem reafirmar a coerência orgânica do romance, cuja linguagem reflete perfeitamente o conflito dos contrários dentro da mesma realidade psíquica.

"...o meu primitivo dilema: ou eu ou eles, depois visto a estoutra luz: ou o meu eu social ou o meu eu anti-social, ou o meu eu moral ou o meu eu imoral" 37.

"Mas o paradoxo não é uma das expressões da verdade?" 38.

"O meu estado mais definível era uma alternativa"... 39.

"...em tudo era eu solicitado por tendências opostas" 40.

Na dialética de desmistificação do convencionalismo, as adversativas e alternativas revelam que as faces antagônicas da mesma realidade, embora se opondo, se completam: Bem e Mal, Anjo e Demônio, Santa e Prostituta, Amor e Ódio, Verdade e Mentira, Sinceridade e Cinismo. Mas dão, sobretudo, a tônica do dilema.

Concluindo: O *Jogo da cabra cega*, obra de autenticidade vivencial, de questionamento das convenções morais, de obstinada afirmação de uma personalidade, de constatação da dualidade que marca o ser humano, de visualização do mundo pelo Eu e principalmente de busca da unidade psicológica do Eu fragmentado, define-se como uma das obras mais representativas da geração da "Presença" e reúne, segundo os ideais do movimento, as características da verdadeira obra de arte.

"A obra de arte é simultaneamente intenção profunda e jogo, imitação aparente e transfiguração real" 41.

37 RÉGIO. *Jogo...*, p. 366.

38 *Ibid.*, p. 118.

39 *Ibid.*, p. 216.

40 *Ibid.*, p. 358.

41 RÉGIO, J. *Três ensaios sobre arte*. Lisboa, Portugal, 1967. p. 64.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTREGESILLO, A. As forças curativas do espírito. Rio de Janeiro, F. Alves, 1926.
- AYER, A.J. Ru e os outros. In: ————. O problema do conhecimento. Lisboa, Ulisseia, s.d. p. 145-80.
- CASAI MONTEIRO, A. A palavra essencial. São Paulo, Ed. Nacional, 1965. 181 p.
- DUCASSE, Pierre. As grandes correntes da filosofia. 3. ed. Lisboa, Europa. América, 1963. 135 p.
- ELEMENTOS de psiquiatria para o clínico geral. s.l., Roche, s.d. n. 2.7.
- FREUD, Sigmund. Obras completas. Rio de Janeiro, Delta, 1959. 8 v.
- GUIMARÃES ROSA, J. Primeiras extórias. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1968. 176 p.
- IN MEMORIAM de José Régio. Porto, Brasília Ed., 1970. 558 p.
- JUNG, C.G. O eu desconhecido. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961. 131 p.
- . Tipos psicológicos. Rio de Janeiro, Zahar, 1967. 567 p.
- LEITE, Dante Moreira. Psicologia e literatura. 2 ed. São Paulo, Ed. Nacional Ed. da USP, 1967. 256 p.
- LISBOA, Eugénio. José Régio; nota bio-bibliográfica, exame crítico e bibliográfica. Porto, Tavares Martins, 1957. 201 p.
- MACHADO DE ASSIS, J.M. Papéis avulsos. Rio de Janeiro, Jackson, 1938. 318 p.
- MEHLMAN, Jeffrey. Entre psychanalyse et psychocritique. Poétique, Paris (3): 365-83, 1970.
- MIRA Y LOPEZ, E. Os fundamentos da psicanálise. Rio de Janeiro, Científica. s.d.
- . Psiquiatria básica. Buenos Aires, El Ateneo, 1948.
- MUELLER, Fernand-Lucien. A psicologia das profundezas. In: ————. História da psicologia. São Paulo, Ed. Nacional, 1968. p. 357-78.
- PACHECO, Virgílio Camargo. Habitantes do inconsciente. São Paulo, Anhembi. 1959. 167 p.
- PALMIER, Jean Michel. Jacques Lacan, lo simbolico y lo imaginario. Buenos Aires Proteo, 1971. 154 p.
- QUADROS, Antonio. Crítica e verdade. Lisboa, Clássica, 1964. 281 p.
- REGIO, José. Ensaio de interpretação crítica. Lisboa, Portugalá, 1964. 244 p.
- . Jogo da cabra cega. 3 ed. Lisboa, Brasília Ed., 1971. 435 p.
- . Três ensaios sobre arte. Lisboa, Portugalá, 1967. 170 p.
- SIMÕES, João Gaspar. História do movimento da «Presença». Coimbra, Atlântida, 1958. 295 p.
- TORRE, Guillermo de. História das literaturas de vanguarda. 2. ed. Lisboa, Presença, 1972. v. 1-3.

Resumo

Escrito numa época de extraordinária euforia com as recentes descobertas da Psicanálise, o *Jogo da Cabra Cega* revela marcante influência de psicólogos contemporâneos do autor, principalmente Freud e Jung.

Procurando apreender o "homem" (Pedro Serra) nas malhas do mundo interior, José Régio, sob forte influência freudiana, desenvolve esse "apreender", através de um processo que se pode chamar de psicanálise de um "eu" simbolicamente projetado nos "outros". Assim é que, visto além da realidade social da estrutura narrativa, o "grupo" é interpretado como projeção de uma realidade psíquica inconsciente

(= o id) com a qual o Ego entra em conflito. E, o elemento estrutural que favorece essa projeção é o **espelho**, estudado também em várias teorias psicanalíticas (Freud, Jung, Jacques Lacan e Melanie Klein) como passível de exercer uma função liberadora.

A "conotação psicológica" do espelho é enfatizada no **Jogo da Cabra Cega**, por sua função hipnótica, liberadora do inconsciente bloqueado pela coerção moral do Sistema social.

Na efabulação narrativa, a função do "grupo", resultante da multiplicação do "eu" pelo espelho, é operar a descarga das excitações (energia ou tensão) desencadeadas em Pedro Serra (= ser atormentado por estimulação interna e externa).

Da mesma forma, cada componente do "grupo" é uma máscara diante do espelho, que libera e realiza o reprimido.

Riassunto *

Scritto in un'epoca di straordinaria euforia per le recenti scoperte della Psicanalisi, il **Jogo da Cabra Cega** denota notevole influenza di psicologi contemporanei dell'autore, principalmente Freud e Jung. Cercando di cogliere l'"uomo" (Pedro Serra) nelle maglie del mondo interiore, José Régio, sente forte influenza freudiana, sviluppa questo "cogliere" attraverso un processo che può chiamarsi psicanalisi di un "io" simbolicamente proiettato negli "altri". Cosicché, visto al di là della realtà sociale della struttura narrativa, il "gruppo" è interpretato come proiezione di una realtà psichica inconsciente (= l'id) con la quale l' Ego entra in conflitto. L' elemento strutturale che favorisce questa proiezione è lo **specchio**, studiato anche in varie teorie psicoanalitiche (Freud, Jung, Jacques Lacan e Melaine Klein) come passibile di svolgere una funzione liberatrice. La "connotazione psicologica" dello specchio è messa in enfasi nel **Jogo da Cabra Cega**, per la sua funzione ipnotica, liberatrice dell'inconsciente bloccato dalla coercizione morale del Sistema sociale. Nella effabulazione narrativa, la funzione del "gruppo" risultante dalla moltiplicazione dell' "io" attraverso lo specchio, è effettuare lo scarico delle eccitazioni (energia e tensione) scatenatesi in Pedro Serra (= essere tormentato dalla stimolazione interna e esterna). Allo stesso modo, ogni componente del "gruppo" è una maschera davanti allo specchio, che libera e realizza il represso.

* Versão pela Professora Carolina Massi Albanese.